



COLÓQUIOS DO ATLÂNTICO

CARLOS E. PACHECO AMARAL

CÁTEDRA JEAN MONNET – UNIVERSIDADE DOS AÇORES
PRESIDENTE – COMISSÃO ORGANIZADORA

J á na sua 5ª edição, os *Colóquios do Atlântico* procuram recuperar o pensamento e a obra dos grandes vultos da intelectualidade açoriana que se distinguiram no quadro da nacionalidade portuguesa e da civilização Ocidental.

Orientam-nos dois pressupostos de base e um desiderato fundamental.

Em primeiro lugar, a ideia de que, ao contrário dos demais seres, tanto vivos como inanimados, que são simplesmente o que são e sempre foram, e que, por isso mesmo, se mantêm inalterados ao longo do tempo, nós, humanos, somos responsáveis por nos construirmos nas pessoas concretas em que acabamos por nos transformar. É por isso, aliás, que nós somos capazes de nos educarmos e, por essa via, nos melhorarmos, enquanto que os demais seres vivos, na melhor das hipóteses, são capazes de treino ou da aquisição de competências elementares. Acresce que os seres humanos também se caracterizam pelo facto de serem capazes de aprender uns com os outros. É por essa razão que procuramos o conhecimento daqueles que já o alcançaram e que o disponibilizaram para as gerações vindouras, ensinando-o pessoalmente, ou publicando-o. O que nos traz ao segundo pressuposto dos *Colóquios do Atlântico*: a constatação de que somos capazes de assimilar os

conhecimentos que os grandes vultos da nossa tradição nos legaram e, por essa via, de os tornar nossos. Comparados com eles, podemos ser “anões”. Porém, estudando-os, submetendo o seu pensamento e a sua obra ao crivo da nossa análise crítica, podemos como que colocar-nos às cavalitas deles e, por essa via, ver mais longe do que eles, e prolongar, aumentar o rasto que civilização e de progresso que nos legaram.

O desiderato que anima os *Colóquios do Atlântico* prende-se, precisamente, com a aspiração de que, trazendo-as para os dias de hoje, a vida e a obra dos grandes vultos da Açorianidade possam constituir outras tantos instrumentos de educação e de progresso, seja para a comunidade açoriana, seja para a nacional portuguesa. Por isso é que os trabalhos que têm vindo a ser desenvolvidos são, de forma sistemática, publicados em livro e disseminados, em particular junto da comunidade açoriana, sobretudo das Escolas e das Bibliotecas da Região. Assentes numa parceria científica sólida e segura que integra, para além da unidade científica Portugal e o Mar I Europeísmo e Relação Transatlântica do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade dos Açores, o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, o Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica

Portuguesa e o grupo Europeísmo, Atlanticidade e Mundialização do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século 20 da Universidade de Coimbra, os *Colóquios do Atlântico* são viabilizados pelo Alto Patrocínio da Presidência do Governo da Região Autónoma dos Açores e pelo apoio que têm vindo a angariar junto de uma pluralidade de instituições, públicas e privadas, nos Açores e fora da Região, incluindo Câmaras Municipais e organismos culturais da mais variada ordem.

O primeiro *Colóquio do Atlântico* teve lugar em 2105 e incidiu sobre a vida e a obra do Professor Doutor José Enes, fundador da Universidade dos Açores, de que foi o primeiro Reitor e grande vulto do pensamento filosófico português contemporâneo, tendo-se ainda distinguido numa pluralidade de outros domínios do saber, como a História, os Estudos Literários, a Ciência Política e as Relações Internacionais. De sublinhar o trabalho pioneiro que desenvolveu, em concreto através do Centro de Estudos de Relações Internacionais e Estratégia, que criou em 1986 e que viria a encontrar-se na raiz dos actuais cursos da Universidade dos Açores de licenciatura em Estudos Euro-Atlânticos e de mestrado em Relações Internacionais – O Espaço Euro-Atlântico. A riquíssima obra que nos lega e os múltiplos trabalhos



escritos, muitos deles, infelizmente, ainda inéditos, se bem que em curso de edição, libertam José Enes das garras da insularidade, catapultando-o, de facto, da sua Ilha montanha natal para o espaço civilizacional Ocidental em que se enraíza e que sempre procurou promover. Com a coordenação de Carlos E. Pacheco Amaral, Manuel Cândido Pimentel e Renato Epifânio, os trabalhos desenvolvidos Neste primeiro Colóquio foram publicados em 2016 em Lisboa pela MIL/DG Edições em livro intitulado José Enes: pensamento e obra.

Em 2016, o segundo *Colóquio do Atlântico* foi dedicado ao estudo da vida e da obra de outro ilustre filósofo açoriano contemporâneo, também ele intimamente ligado à criação da Universidade dos Açores e, nela, à promoção dos Estudos Filosóficos, tanto ao nível do ensino como ao nível da investigação científica: o Professor Doutor Gustavo de Fraga. Pedagogo por natureza, formador de gerações, e exímio defensor da ideia de Universidade, que procurou transpor e concretizar na sua Região Autónoma, o nome de Gustavo de Fraga ficará para sempre associado à criação e consolidação da Universidade dos Açores e à introdução e à promoção da Fenomenologia e, em geral, da Filosofia contemporânea no nosso país. Tendo nascido na Fajãzinha, ilha das Flores, Gustavo de Fraga cedo rumou para Oriente – ao arripio da tradicional emigração açoriana, que habitualmente se volta para Ocidente, para as Américas. Do extremo ocidental da Europa, Gustavo de Fraga viria a procurar, a Oriente, em São Miguel, em Portugal continental e na Europa, perscrutar a

matriz civilizacional do Ocidente, nela se enraizando. O produto do trabalho então desenvolvido neste colóquio, em Lisboa e em Ponta Delgada, foram já editados em livro intitulado Gustavo de Fraga: pensamento e obra, publicado em 2017 pela MIL / DG Edições, sob a coordenação de Manuel Cândido Pimentel, Carlos E. Pacheco Amaral e Renato Epifânio.

O terceiro *Colóquio do Atlântico* teve lugar em 2017, em Angra do Heroísmo, Santarém, e Lisboa. Desta feita, procedeu-se ao estudo do pensamento e da obra do Doutor Joaquim Maria da Silva. As duas personalidades que enformaram os primeiros dois *Colóquios do Atlântico*, José Enes e Gustavo de Fraga, eram sobejamente conhecidas no Arquipélago, e, para além dele, nos espaços nacional, europeu e internacional, até mesmo pelo facto de terem morrido há pouco tempo e de terem deixado vários discípulos, que permanecem activos, designadamente na Universidade dos Açores e um pouco pelo sistema nacional de Ensino Superior. Já de Joaquim Maria da Silva, no entanto, pouco ou nada se sabia, permanecendo injustamente desconhecido, até mesmo na sua terra natal, a ilha Terceira. Com a coordenação de Carlos E. Pacheco Amaral, de Manuel Cândido Pimentel e de Renato Epifânio, o resultado do trabalho do 3º *Colóquio do Atlântico* foi publicado em livro em 2018 pelo Instituto Histórico da Ilha Terceira e pelo MIL, Movimento Internacional Lusófono.

O quarto *Colóquio do Atlântico*, realizado em Dezembro de 2018, em Bragança, Lisboa e Angra do Heroísmo,

foi reservado ao estudo do pensamento e da obra de outro ilustre açoriano, O Doutor Manuel António Ferreira Deusdado. Nascido em Trás-os-Montes, Ferreira Deusdado viria a radicar-se na ilha Terceira, onde desenvolveu uma intensa actividade científica e pedagógica no então Liceu de Angra do Heroísmo. É na Filosofia que mais se notabilizou, se bem que os seus interesses científicos se abrissem às Artes liberais, em gerais, isto é, aos domínios que libertam os seres humanos das imposições que lhes são colocadas pela natureza, permitindo que se forjem livremente a si mesmos: à história, à geografia, à literatura, à política, etc. Regionalista convicto, é um grande promotor da ideia de uma identidade regional, inclusivamente dos Açores, que o seu aluno mais ilustre, Vitorino Nemésio, viria a baptizar de *açorianidade*.

Neste momento, encontramos empenhados em duas tarefas complementares. Por um lado, na preparação do quinto *Colóquio do Atlântico*, que prevemos organizar no final do ano na Horta e dedicar a outro grande vulto da intelectualidade açoriana, Manuel de Arriaga. Ou, melhor, a Manuel de Arriaga e a seu irmão, José. Por outro lado, na compilação e no aperfeiçoamento dos trabalhos desenvolvidos no ano passado sobre o pensamento e a obra de Ferreira Deusdado de modo os podermos publicar em livro, a ser apresentado publicamente como se tornou já habitual, no encerramento dos trabalhos do próximo Colóquio.